

GALERIA DOS CHEFES DE CAVALARIA

Cel. F. de Paula Cidade.

"A Defesa Nacional" sente-se jubilosa em ver em suas páginas uma colaboração de um seu antigo diretor e fundador. Escritor de fibra, o Cel. Paula Cidade encanta a todos que o leem, tendo hoje um acentuado número de leitores que buscam com avidez os seus artigos. (Nota da Redação).

O general José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque teve a idéia feliz de organizar, num livro muito bem feito, a galeria dos grandes chefes da cavalaria brasileira. São nomes que se exaltam por si mesmo e que dispensam quaisquer adjetivos com que se pretenda aumentar o seu brilho. Figuram aí, em consequência, as mais altas expressões dos nossos velhos guerrilheiros dos pampas: Osório, Marques de Sousa, Correia da Câmara, Andrade Neves, João Manoel Mena Barreto, José de Abreu, João Propício Mena Barreto, Vitorino Monteiro, Bento Manoel, Neto e Canabarrô.

O retrato de cada chefe, pelas suas dimensões e, pelo gosto artístico que presidiu à sua reprodução, constitui uma preciosidade, digna de ser guardada nas melhores bibliotecas; as vinhetas que o artista Alberto Lima desenhou são finíssimas expressões de gosto e de sentimento creador. Vê-se, entre os retratos reunidos nessa obra, o do marechal José de Abreu, Barão do Serro Largo, certamente pintado por informações. (*) Nenhum retrato do sacrificado da batalha do Passo

(*) Posteriormente, vim a saber que realmente o retrato foi pintado, em parte, por esse meio. Quando o autor do livro — GALERIA DOS CHEFES DA CAVALARIA BRASILEIRA passou por S. Gabriel, ali obteve um retrato, que pessoa digna de crédito lhe confiou, do Barão do Serro Largo em trajes civis. Daí, foi tirado, mediante uma transformação da vestimenta, o retrato que figura na Galeria. Foi esta a mais feliz tentativa, de todas as que se fizeram no mesmo sentido. Aliás, o falecido general Malan d'Angrogne certa vez me falara em obter o mesmo resultado por simples informação, já que todos os outros meios falhavam.

do Rosário, ao que se saiba, chegou até nós. Também, há um pequeno equívoco quanto ao lugar do seu nascimento. Aliás, no mesmo equívoco caem todos os historiadores antigos, que se basearam em Rio Branco. O autor da primeira biografia do herói, dá-lo como nascido em Povo Novo, onde viveram seus pais por muitos anos e onde nasceram outros seus irmãos. José de Abreu, porém, nasceu em Maldonado (República do Uruguai), conforme já expliquei por várias vezes, baseado na sua própria carta de nobreza. Os pais de Abreu achavam-se deportados em Maldonado, pelos invasores espanhóis de 1763, quando ele nasceu. Aliás, essa corrigenda escapou a Laurênio Lago, quando escreveu as suas notas para a 2.^a edição da obra de Pretextato Maciel — **Os Generais do Exército Brasileiro**.

Mas, a par da feitura material notável, convem destacar não só o resumo biográfico dos chefes que ali figuram, como o Boletim da Inspeção de Cavalaria, que abre o livro, à guisa de introdução.

O general José Pessoa lembra nessas páginas, com amor verdadeiramente filial, a capacidade de adaptação da sua arma de origem a todas as fases da evolução militar da humanidade.

Colocando-se mui judiciosamente fora dos extremos em que infelizmente alguns têm situado a questão, adota um verdadeiro meio termo entre os pontos, aparentemente muito afastados, em que se acham o motor e o cavalo. “Quando a vemos moto-mecanizar-se no momento presente, sem perder as suas características, sentimos a sua evolução, o seu progresso, o mesmo que se passou com a marinha de guerra, quando foram abandonados os navios a vela, de grosso casco de carvalho...”

E com ele, vamos concordar e mesmo ir um pouco além. Todas as armas têm sofrido os embates da crítica espantadiva, em face dos progressos do armamento. Mas, sobrevivem pelas faculdades de adaptação. A cavalaria, porém, mais que todas, atravessa um período de dificuldades, evidentemente transitórias. Ela, mais que as suas irmãs, tem sofrido os em-

bates das exigências novas, desde os tempos do primeiro reinado. E tem sabido sobreviver.

Aí estão as reminiscências dos estrangeiros que tomaram parte na guerra cisplatina, para demonstrar esse estado de espírito. D. Pedro I chegou a ouvir o famoso De Bracke, autor do conhecido alcorão dos cavalerianos **Avant-Postes de Cavalerie Légère**. Os europeus propendiam para o uso generalizado da lança — enquanto a nossa cavalaria utilizava, nessa época, a arma de fogo e a espada.

Os nossos revezes chegaram a ser atribuídos às armas que eram utilizadas pelos nossos cavaleiros, embora tivessem causas bem mais profundas.

A tática tradicional, usada por José de Abreu, Bento Manuel e outros chefes de nomeada, consistia em lançar em formação desenvolvida sobre o inimigo, deter-se a pequena distância dele, descarregar suas armas de fogo e tirar por fim da espada para abordar o adversário.

A evolução, que se processou durante a revolução farroupilha, conduziu para o emprego da lança e da carga por esquadrões mais ou menos sucessivos.

O apogeu da lança entre nós pode ser fixado no tempo da guerra do Paraguai. O predomínio da arma branca na nossa cavalaria vem daí até à introdução das armas de repetição.

E' verdade que no Paraguai fizemos a experiência com armas de repetição — a Spencer, mas é também verdade não só que a nossa cavalaria ali se viu muitas vezes privada de cavalos, como a clavina só devia ter sido empregada nos reconhecimento, patrulhas e postos avançados. Quando em **bataille rangé**, era a carga da lança, macissa e desenfreada. Creio que entre nós foi a **Manlicher** arma de repetição e não e Comblaim, arma de tiro simples, que muito mais tarde poz, pela primeira vez, a lança em cheque, nos combates da revolução federalista, de 1893/95, no Rio Grande do Sul. Nessas operações de pequena guerra, ainda não estudadas tecnicamente, a infantaria encontrou facilidade para resistir a avalanches de cavalos e lanças. O futuro general Cipriano Fer-

reira, nos campos de Inhanduí, formou em quadrado, velhíssima formação de combate, então regulamentar, o seu batalhão de pequeno efetivo, conseguindo contrapor-se vantajosamente a massas vigorosas e valentíssimas de lanceiros sem instinto de conservação. Verdade é que essa cavalaria irregular não combinava o movimento com o fogo, e atacava sem qualquer preparação. Tive oportunidade de ouvir, dos instrutores de cavalaria da antiga Escola Preparatória e de Tática, que bem conheciam esses combates, opiniões judiciosas a tal respeito. Dizia-nos certa vez um deles, o 1.º tenente Argemiro Souto, que na luta da cavalaria contra uma infantaria sólida, que se formasse em quadrado, os esquadrões de clavineiros poderiam encontrar um alvo excelente, para os seus tiros, nesses soldados emmassados e de pé. Mas, a verdade, de qualquer modo, é que a lança foi perdendo o seu prestígio e mergulhando no ocaso. O bom senso dos chefes da arma apreendia a evolução que se processava.

Finalmente, a lança entre nós há muito que desapareceu das realidades do combate, embora figure nos campos de manobras e paradas festivas. De 1922 a 1932, dez anos bem contados, as nossas divergências domésticas conduziram-nos a um sistema de revoluções que se eternizavam. A cavalaria tomou parte em centenas de pequenas e grandes operações, em que não houve logar para a lança.

Já se pode apreciar nesse apanhado superficial o espírito flexível da arma, a sua capacidade de adaptação à evolução do armamento.

Tem razão o general João Pessoa. Os chefes da nossa cavalaria sabem sempre tirar todo proveito do espírito de sua arma, dotando-a dos meios necessários ao seu emprego judicioso. Neste momento, ainda são o cavalo e o motor que hão de associar-se, por mais absurdo que isso pareça, para, a cada oportunidade, obter o ótimo. No fim de contas, quem combate é sempre o homem e nunca o motor ou o cavalo.

Mas, quanta cousa me veio à idéia, ao folhear esse livro bonito que se chama — CHEFES DA CAVALARIA BRASILEIRA — ?